

**A VIVÊNCIA, OS DESAFIOS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR PARA OS LGBT's:  
UMA ESCOLA PARA TODOS.**

Magnus Oliveira

*Aluno do 8º período do Curso de Licenciatura em Geografia da UFRN*

José Carlos de Lima Moura

*Aluno do 2º período do Curso de Licenciatura em Geografia do IFRN*

Maria Cristina Cavalcanti Araújo

*Professora Dr<sup>a</sup> do Curso de Geografia do IFRN***Resumo**

Este trabalho tem o objetivo de trazer em evidência e discussão as dificuldades e o despreparo por parte dos profissionais da educação, em especial os professores, em lidar com situações que envolvam alunos de orientação não heterossexual. É sabido que o Brasil tem uma realidade violenta acerca da comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) bem acentuada. Tal agressividade por muitas vezes ocasiona óbitos, ocorrendo assim, por falta de informação e aceitação para com os LGBT's. Ainda contribuindo com esse quadro, o Brasil goza de uma baixa educação referente a este tema da sexualidade. A partir dessa perspectiva do despreparo dos educadores e da comunidade escolar, propomos neste material de caráter reflexivo informacional, discutir a vivência em sala de aula, dos anos iniciais (Ensino Fundamental I e II) na rede municipal de ensino da cidade do Natal/RN, sobre as dificuldades dos estudantes LGBT's por motivos de despreparo institucional e sobre práticas homofóbicas na escola.

**Palavras-Chaves:** Despreparo. LGBT's. Homofobia. Escola.**Abstract**

This paper has to bring in evidence and discussion the difficulties and the lack of preparation on the part of education professionals, especially teachers, in dealing with situations that involve non - heterosexual students. It is well known that Brazil has a violent reality about the LGBT community (Lesbian, Gay, Bisexual, Transvestite, Transsexual and Transgender). Such aggression often leads to death, which is due to lack of information and acceptance of LGBTs. Still contributing to this situation, Brazil enjoys a low education regarding this topic of sexuality. From this perspective of the unpreparedness of the educators and the school community, we propose in this reflective informational material, to discuss the experience in the classroom of the initial years (Elementary School I and II) in the municipal school network of Natal / RN, about the difficulties of LGBT students due to institutional unpreparedness and homophobic practices in school.

**Keywords:** Unprepare. LGBT's. Homophobia. School.

## Introdução

Existem bilhões de pessoas na terra, onde estas pessoas são inseridas dentro de uma diversidade significativa de povos, culturas e costumes. Embora existam grupos que de alguma forma possam não corresponder com o mesmo comportamento, é preciso que haja o respeito para que possa existir a harmonia entre os povos.

A história nos mostra que ao longo dos tempos, vários acontecimentos sobre a não tolerância ocasionaram mortes brutais, perseguição de povos e o extermínio de sociedades. A geografia de específicos lugares foi modificada por causa da efetivação de confrontos que na real foi ocasionada por causa da intolerância entre os povos, basta analisar as modificações geográficas que ocorreram no oriente médio nas últimas décadas.

Infelizmente no Brasil ainda existe muita intolerância referente às mulheres, negros, religiões e à comunidade LGBT. Grupos estes que são fator condicionante para as práticas de violência por parte da sociedade culturalmente machista, racista e homofóbica.

*[...] dentro da "ordem metabólica do capital" as expressões culturais não se dão nem se encontram dissociadas de seu metabolismo, mas dentro de sua ideologia e de sua reprodução com fins voltados a assegurar os interesses da burguesia (claro, via exploração da classe trabalhadora); segundo, porque lutar pela extinção das desigualdades, opressões e exploração, enfim, lutar por emancipação plena, liberdade, exige a defesa de valores libertários - que não cedem espaço para a existência de preconceitos, discriminações, subordinações - antes, garantem aos sujeitos sociais o direito da livre expressão de suas subjetividades. (CISNE apud CAVALCANTE e SILVA, 2014, p.46).*

As intolerâncias, agressões e opressões ganham contornos de permanência na sociedade, isso porque os diferentes níveis sociais nos quais os indivíduos estão inseridos estabelecem comportamentos que são alimentados pelo capital.

Referente à comunidade LGBT, as práticas de violência nem sempre acontecem de maneira clara. A maior incidência de violência e mortes dos indivíduos desta comunidade se dá muitas vezes de forma silenciosa, maquiada, configurada em outros tipos de crimes e não como crime de homofobia. Por exemplo, quando um gay é assassinado por causa do ódio devido à sua orientação sexual, a lei não configura a morte como ação homofóbica. Ela entra na estatística como homicídio aqui no Brasil.

No processo metodológico de observação, contemplamos três diferentes formas de violência acerca da comunidade LGBT. O ato da violência física, que ocasiona ações diretas como ferimentos, acidentes e até o óbito; violência de natureza psicológica, a qual a vítima pode sofrer perturbações mediante as ações realizadas pelo agressor e a violência comportamental, que se difere da violência psicológica, pois nem sempre é compreendida pelo oprimido que acontece, por exemplo, quando a presença de alguém é intolerante a ponto de não agredir, e sim por não querer conviver com o outro. (FERREIRA, 2008).

A partir de vários pontos relacionados à inclusão como, um ambiente escolar igualitário, a temática diversidade sexual, quebrar tabu, combater a homofobia, ter um olhar crítico sobre a ação dos profissionais da educação, é que vamos retratar uma observação e levantar uma discussão e diálogo para compartilhar conhecimentos.

*[...] uma reflexão de inspiração foucaultiana sobre a estética da existência parece permitir justamente questionar os projetos educacionais do presente, em nome da possibilidade de acolhimento do desconhecido, isto é, do acolhimento de experiências e modos de vida não normativos em relação ao gênero e à sexualidade, salvaguardando-se, assim, novas dimensões da experiência humana, para além das fronteiras jurídico-políticas e identitárias. (SIERRA e CÉSAR, 2014, p.42).*

Contudo, para que exista uma sociedade livre de julgamentos referente à orientação sexual, a escola desenvolve, ou pelo menos deveria desenvolver papel primordial no processo educacional dos cidadãos.

*Um dos primeiros passos para se alcançar mudanças, mesmo que de forma esporádicas, é a politização do/a educador/a no papel acerca do gênero e da sexualidade para que não se produza o caminho restrito da sexualidade (sexo, gênero e orientação sexual), entendendo também como uma vítima desse processo de reprodução social. Além disso, a temática consegue ser uma possibilidade de mudança do perfil do/a educador/a. Ao reavaliar os conceitos que são naturalizados, também esse sujeito enfrentará novos desafios no âmbito da gestão escolar. (CAVALCANTE e SILVA, 2014, p.54).*

O profissional da educação, professor e toda a comunidade escolar, precisa ficar atento para que, de maneira até mesmo involuntária, não reproduza as atitudes violentas; é preciso que haja cuidado na abordagem em sala de aula no processo de aprendizagem. “A educação é uma das áreas prioritárias de intervenção para a promoção de uma sociedade mais inclusiva e respeitadora da diversidade.” (FERREIRA, 2011, p.54).

## **DA REALIDADE...**

É sabido que a escola é um ambiente de descobertas, principalmente nos anos iniciais. Sendo assim, os estudantes estão em contato com os conceitos elementares para a sua formação, e por essa razão os professores precisam estar bem capacitados para desenvolver atividades que abordem as competências e habilidades do aluno. Isso é papel de todos os funcionários, e não apenas dos profissionais que estão dentro da sala de aula. É claro que estes profissionais convivem em uma interação mais íntima com os estudantes, de modo que dentro da sala de aula fornecem atividades para que possa existir a compreensão dos conceitos estudados. “Para isto, a concepção das aulas deve abordar de forma interativa os temas, destacando os elementos relevantes na produção do conhecimento.” (SACRAMENTO, 2012, p. 102).

Não podemos entender a educação escolar como algo sendo inflexível, de forma alguma. Isso porque este processo precisa acompanhar o contexto aos quais os indivíduos estão inseridos, considerar os contornos sociais e, dessa forma, relevar os assuntos a serem trabalhados dentro e fora de suas estruturas. Dentro de cada realidade os estudantes absorvem muitas vezes o comportamento de seus pais, em uma postura de pré-conceitos e repleta de senso comum. Como diz o (FAUCOULT apud SIERRA e CÉSAR 2014, p.45): “Temos que promover novas formas de subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos”.

Por este motivo, os professores, que gozam de um maior contato com os estudantes dentro da sala de aula, precisam e devem compreender tais modificações no espaço e consequentemente na realidade a qual os estudantes estão inseridos em suas vivências. Estes profissionais devem se apropriar de recurso de diferentes linguagens para introduzir seus conceitos no processo de aprendizagem, tendo como perspectiva o seu papel social e mediador nesse processo.

*[...] os/as educadores/as devem encontrar medidas, mesmo dentro dos limites impostos, para por um mínimo de questionamento nos espaços educacionais que ocupam através de estratégias de enfrentamento à alienação posta pela óptica heteronormativa e sexista, já que não se deve abandonar a esfera educacional como ferramenta que contribui para a emancipação humana. (CAVALCANTE e SILVA, 2014, p. 54).*

Foi analisado na vivência em sala de aula que muitos professores em final de carreira com suas formações e graduações antigas, não sabem como se comportar mediante a estudantes que, de alguma forma, se comportam de maneira fora dos padrões sociais. Estes profissionais se configuram praticantes da violência justamente por uma deficiência em suas pedagogias passadas, sem formação continuada e devido a conhecimentos para uma didática crítica, muitos praticam a violência sem saber que, cedo ou tarde, suas práticas podem agravar consideravelmente a vida de seus alunos. Reforçando o despreparo dos professores em não saber lidar com essas diferenças sexuais no âmbito escolar, Ferreira et al cita que:

*Os profissionais da escola devem estar preparados para lidar com todos os estudantes com que trabalham, incluindo os de orientação homossexual, as suas famílias e também com aqueles que provêm de famílias homoparentais. Devem ser desenvolvidas competências para poderem responder a situações em que exista discriminação em função da orientação sexual, independentemente das suas crenças pessoais. Não é necessário que cada professor/a ou profissional de educação tenha uma atitude pessoal favorável à homossexualidade, o que é imprescindível é que, enquanto profissional, proporcione igualdade de tratamento a todos os elementos da comunidade educativa. (FERREIRA, et al., 2011, p.63).*

Logo, o real papel da escola, é formar cidadão para a vida. Dentro dessa perspectiva, afirmamos que dentro do ambiente escolar devem-se desenvolver atividades inclusivas. Faz-se necessário a proposta da formação continuada, com a finalidade de acompanhar o dinamismo social comportamental na qual estamos todos inseridos, junto com a autorreflexão sobre seu papel social.

Outra observação é a forma que a escola trata o tema sexualidade. Ela se restringe em adentrar profundamente esse tema, partindo de uma análise crítica sobre essa postura. Podemos perceber que tabus são engessados nos educadores e que a escola se resguarda muitas vezes por medo, pois é como a temática fosse algo desconhecido e foge dos conteúdos didáticos. Porém, é papel da escola abordar nas salas de aula, em comum a todas as disciplinas, pois o tema sexualidade é um conteúdo transversal. “O fascículo sobre o tema Transversal Orientação Sexual, publicado em 1997, consolidou definitivamente a escolarização de uma educação para o sexo.” (CÉSAR apud SIERRA E CÉSAR, 2014, p.40).

O que também se observa no ambiente escolar é que as agressões surgem em uma configuração polêmica. É responsabilidade da escola o combate a essas ações, pois a frequência desses atos se torna o bullying escolar. E é o que fala (BEKAERT apud ALBUQUERQUE e WILLIAMS, 2015, p. 664), “[...] quando a homofobia na escola é traduzida em palavras e ações, há risco de tornar-se bullying homofóbico”.

### **SOBRE OS ENFRENTAMENTOS**

Sendo esta uma obra de caráter analítico, tendo como proposta contribuir pedagogicamente com os debates sobre a pluralidade sexual dentro do ambiente escolar, e para haver essa sensibilidade de compreensão e respeito, toda a comunidade escolar deve contribuir para a extinção de práticas consideradas homofóbicas e ter o entendimento do que é um ato de violência, para que a própria violência não seja reproduzida, e nem mesmo banalizada, ao ponto de ser naturalizada. “[...] a homofobia é definida como atitudes e comportamentos negativos contra pessoas que se identificam como ou são percebidos como lésbicas, gays, bissexuais ou transgêneros (LGBT).” (ESPELAGE et al., apud ALBUQUERQUE e WILLIAMS, 2015, p.664).

Sabemos o quanto já é de grande obstáculo desenvolver ações educativas na escola, isso porque em muitos casos a própria estrutura escolar é limitada. Para desenvolver específicas ações, por vezes pode ser difícil, contudo não impossível. Faz parte do ofício do professor ter um senso crítico, e fazer os seus estudantes refletir sobre o espaço social, e assim, nessa perspectiva organizar, e pôr em prática o discurso de anti-homofobia. É preciso orientar os estudantes sobre os males que essas violências praticadas ocasionam.

*Provavelmente, a forma mais eficaz de reduzir o heterossexismo, é de uma forma sistemática e consistente, desenvolver comportamentos que reforcem positivamente a diversidade e que condenem atos de discriminação de qualquer tipo. Por exemplo, utilizar linguagem que demonstre respeito pelo outro, intervir em situações de agressão verbal ou física, e incluir nas aulas imagens diversificadas relativas aos afetos e formas diversas de organização das famílias, não utilizando exclusivamente exemplos heterossexuais, são algumas formas que podem proporcionar modelos positivos. (FERREIRA et al., 2011, p.62).*

E de que forma poderia desenvolver ações de combate à homofobia? A resposta está nas diferentes linguagens que o profissional professor poderia utilizar em seu processo pedagógico educacional.

*Diferentes linguagens são utilizadas como instrumentos de aprendizagem para viabilizar a construção do conhecimento ministrado em aula. Isto se torna possível quando o professor organiza sua aula em busca de uma aprendizagem sobre o cotidiano, trabalhando com temáticas nas quais os alunos compreendam não só o mundo como também o lugar em que vivem. (SACRAMENTO, 2012, p.98).*

Além disso, através de oficinas, de recortes de imagens, gráficos, reportagens, com a finalidade de evidenciar os casos de mortes e agressões que a comunidade LGBT sofre por causa de intolerância e práticas de violências homofóbicas. Existe uma fragilidade por parte dos órgãos governamentais em desenvolver e tornar efetivos os programas de combate à

homofobia. Logo, a escola em seu papel social, deve quebrar os tabus e explorar o combate a ações de violência e enfatizar a compreensão da pluralidade.

*Ao colocar em discussão as formas como o 'outro' é constituído, levariam a questionar as estreitas relações do eu com o outro. A diferença deixaria de estar lá fora, do outro lado, alheia ao sujeito, e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito: ela estaria dentro, integrando e constituindo o eu. A diferença deixaria de estar ausente para estar presente: fazendo sentido, assombrando e desestabilizando o sujeito. Ao se dirigir para os processos que produzem as diferenças, o currículo passaria a exigir que se prestasse atenção ao jogo político aí implicado: em vez de meramente contemplar uma sociedade plural, seria imprescindível dar-se conta das disputas, dos conflitos e das negociações constitutivos das posições que os sujeitos ocupam. (LOURO apud CAVALCANTE e SILVA, 2014, p. 54).*

A vivência nas escolas nos permitiu também observar que quanto maior a naturalidade ao tratar da pluralidade da sociedade maior o entendimento e a aceitação da diversidade sexual pelos alunos. Nessa linha, Brasil citado por Vianna (2015), retrata que na busca pelo reconhecimento dos setores sociais, espera grande apoio de estratégias da educação no âmbito da diversidade. Assim, visto de forma essencial na garantia da inclusão escolar, igualdade e ir de frente contra o preconceito e a violência homofóbica, em especial ao se tratar de sexualidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse quadro no Brasil de reprodução de práticas homofóbicas deve ser combatido, sobretudo dentro das escolas, com os professores se conscientizando a respeito do quão benéfico é o uso das linguagens educacionais no processo de inclusão dos LGBT's, e dessa forma trabalhando no combate das violências de caráter homofóbicas.

Pensar numa escola livre de julgamentos sociais referentes às suas orientações sexuais é pensar numa proposta isenta de repressão. Essas ações de não repressão devem ser levadas em considerável relevância à medida que vivemos numa sociedade múltipla. Contudo, constantemente, somos bombardeados por ações de repressão de tal maneira que dificilmente percebemos que a violência muito tragicamente ganhou contornos de banalidade. Porém não se pode alimentar mais esse mal, e a escola deve ser uma peça fundamental para esse combate.

Outra observação que é oportuna contribuir neste trabalho é de como em muitos casos os LGBT's precisam apenas de uma oportunidade. Casos de crueldades não aconteceriam se estes indivíduos não estivessem em situações de vulnerabilidade socioeconômica mediante a falta de oportunidades, oportunidades que foram lhe roubadas quando deveriam ser um direito.

Logo, os mecanismos de erradicação da homofobia e/ou transfobia e qualquer tipo de repressão por causa de orientação sexual ou de comportamento devem ser constantemente revistos e discutidos dentro do ambiente escolar, com o intuito de promover um ambiente educacional inclusivo e saudável.

**REFERÊNCIAS**

1. ALBUQUERQUE, Paloma Pegolo de; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Homofobia na escola: relatos de universitários sobre as piores experiências. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 663-676, 2015.
2. CAVALCANTE, Francisco Brenno Soares; DA SILVA, Maria Madalena. Educar para a emancipação humana: o papel atual da escola e a busca por políticas LGBT no ambiente escolar. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 2, p. 44-55, 2014.
3. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2008.
4. FERREIRA, Eduarda. Questões de gênero e orientação sexual em espaço escolar. SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro da. **Espaço, Gênero e Poder: conectando fronteiras. Ponta Grossa: Todopalavra**, p. 43-65, 2011.
5. SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. Diferentes linguagens na educação geográfica da cidade do Rio de Janeiro. **Revista Continente**, v. 1, n. 1, p. 97-118, 2013.
6. SIERRA, Jamil Cabral; CÉSAR, Maria Rita de Assis. Governamentalidade neoliberal e o desafio de uma ética/estética pós-identitária LGBT na educação. **Educar em Revista**, v. 1, n. 53, p. 35-51, 2014.
7. VIANNA, Cláudia Pereira. O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual: perdas, ganhos e desafios. **Educação e Pesquisa**, n. ahead, p. 00-00, 2015.